

Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5

**MEMÓRIA NARRATIVA: A EXPERIÊNCIA COLETIVA DO MOVIMENTO
CULTURAL DO ALTO JOSÉ DO PINHO E A
CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

Silva, Leandro Wagner de Albuquerque
UFPE
leow83@gmail.com

Resumen: O artigo em tela reflete acerca de uma experiência educativa desde um contato pessoal com Movimento Cultural do Alto José do Pinho, comunidade situada na Zona Norte da cidade do Recife, no estado de Pernambuco, Brasil, durante os anos 1990. Descrevo os elementos que me levam a caracterizar essa experiência como de construção de subjetividades coletivas contra-hegemônicas. Assim, exponho algumas ações políticas/culturais, as narrativas cantadas por meio da estética punk e o despertar para o não silenciamento dos sujeitos que fizeram parte do Movimento Cultural do Alto José do Pinho. O trabalho foi desenvolvido a partir de dois relatos autobiográficos utilizando como abordagem metodológica a memória narrativa para evidenciar os componentes que serviram de dados para o referido estudo. Para nos ajudar a compreender a discussão foram utilizados como aporte teórico os seguintes autores: Larrosa (2015), Benjamin (1985), Garcia (2004), Hall (1996), Rancière (2009), Fanon (1968), entre outros pensadores que nutriram o debate. Nas considerações finais, destaco a importância da construção de subjetividades coletivas para o fomento de ações contra-hegemônicas, as quais causaram um deslocamento e cristalizaram maneiras de se opor as determinações sociais excludentes impostas pelo regime de poder.

Palavras-chave: memórias, experiência coletiva, subjetividades

Introdução

Neste artigo faço uma breve descrição sobre as contribuições do Movimento Cultural do Alto José do Pinho para minha construção como ator social. Irei elencar a relevância da estética punk por meio de experiências coletivas musicadas das bandas do Alto pelas quais possibilitaram minha formação. Portanto destacarei a construção de subjetividades coletivas pelo Movimento que, segundo afirmação de Domingues (1999: 25), “surgem a partir de processos sociais onde as coletividades exercem um impacto causal uma sobre as outras, principalmente na construção do 'eu' de seus próprios membros”.

Actas I Simposio Estudios Decoloniales y Problemáticas Emergentes en Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5

As subjetividades que investigo - coletivo de bandas da cena punk no Alto José do Pinho - fomentaram nos jovens a necessidade de se opor às violências que consolidaram um cenário sombrio na comunidade, sobretudo no momento em que altos índices de violência¹ e miséria assolavam os bairros periféricos da cidade do Recife nos anos 1990.

Além disso, destacarei como as bandas do Alto desenvolveram uma transformação social da comunidade a partir da partilha das narrativas cantadas. Exponho aqui, como fui inserido e participei das diversas ações político/culturais desenvolvidas pelo referido Movimento. Para Larrosa (2015), numa experiência algo deve nos tocar, algo deve nos acontecer. Nesse sentido, destacarei a partir da ótica desse autor como a experiência com o Movimento Cultural do Alto José do Pinho (MCAJP) me possibilitou um novo olhar sobre mim e sobre o mundo a minha volta.

Assim, pretendo resgatar através dos fragmentos de minha memória os elementos que proporcionaram essa experiência. Halbwachs (1990) afirma que, nossa memória não se apóia na história aprendida, mas sim na história que nós vivemos. Portanto, evidenciarei os momentos de minha história junto ao coletivo de bandas. Entendo, portanto, que este breve relato narra uma parte da memória coletiva de um grupo que promoveu a *inversão de uma realidade*² negativa na comunidade do Alto José do Pinho. Já Garcia (2004: 01) acrescenta que, guardar e dar conta do significado da vida, do que vale a pena conservar para logo comunicar para que outras pessoas entendam é uma qualidade da memória. A fim de trazer mais elementos para servir de dados empíricos para esse trabalho, trago o relato autobiográfico do músico baterista da banda Matalanamão, Ailton Peste. Por fim, é nesse contexto que insiro minha fala, fazendo um passeio por minha memória a fim de narrar os sentidos que me fizeram existir dentro das ações coletivas promovidas pelos sujeitos promotores da ruptura com as violências do cotidiano.

O Alto e sua gênese

¹ Entre 1980 a 2001 as taxas de homicídios no estado de Pernambuco cresceram vertiginosamente. Sendo o ano de 1998 quando ocorreu o maior índice de assassinatos na capital pernambucana, as estatísticas apontam 80,9 mortes para cada 100 mil habitantes contra 25,9 mortes da média nacional. Neste ano, Pernambuco tornou-se o Estado mais violento do Brasil segundo o Mapa da Violência do Brasil de 2012.

² Como descreve a matéria. Disponível em: <<http://caravanaesporteartes.com.br/da-comunidade-nasce-uma-nova-cultura-de-fora-uma-nova-visao/>> Acesso em 20/11/2016 às 20:23

**Actas I Simposio Estudios Decoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

O Alto José do Pinho está situado na maior Região Política Administrativa do Recife, atualmente possui uma população de 12.334 habitantes³. Entretanto nem sempre foi assim. No início a comunidade possuía poucos moradores oriundos da zona rural de Pernambuco. Montarroyos (2010) em seu livro sobre os 20 anos da banda Devotos faz um resgate acerca da origem do lugar. As histórias que o autor nos traz diz que, o nome do lugar parte de duas versões as quais convergem para a tradição musical do lugar. A primeira, versa sobre um senhor chamado José do Pinho que animava festas tocando seu violão abaixo de um pinheiro. A segunda história conta que José possuía o ofício de *luthier* no qual fabricava instrumentos musicais com madeira de pinho. Estaria aí a célula embrionária do Movimento Cultural do Alto José do Pinho?

Entretanto, creio que o legado musical o qual a comunidade carrega ao longo das décadas certamente está atrelada aos costumes trazidos pelos primeiros moradores oriundos do interior. O informativo impresso Fala Mais Alto (2000)⁴, produzido por militantes do MCAJP revela que quase não existiam pessoas nascidas no bairro antes de 1930. Anterior a essa década maior parte da população era originária do interior do estado onde viviam do cultivo no campo, ou ainda, foram trabalhadores braçais explorados pelos donos dos antigos engenhos de açúcar. Essa migração durou por vários anos. Ailton Peste, músico e morador da comunidade, conta que seus pais, antes de morarem no Alto, se conheceram cortando cana nos engenhos de Nazaré da Mata. Seus pais migraram para a cidade em 1960 para trabalhar nas fábricas que se instalaram no Recife. Com eles vieram todos os filhos, no entanto Ailton foi o único a nascer na capital.

Ailton acrescenta que, na sua infância o Alto era um lugar pacato de pessoas humildes, de casas simples e por tempos a comunidade dependeu de outros bairros para ter acesso aos serviços públicos. Não dispunha de posto de saúde, escolas, saneamento básico ou água encanada. Imagem bem diferente de Casa Forte - bairro nobre vizinho ao Alto -, onde na paisagem bucólica de origem colonial residiram barões e sinhazinhas. Estas distinções Fanon (1968) denuncia como sendo zonas que se opõe, regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecendo o princípio da

³ Segundo dados da Prefeitura do Recife: Disponível em < <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/alto-jose-do-pinho> > Acesso em 20/11/2016 às 20:00

⁴ O informativo Fala Mais Alto foi um dos meios de comunicação criados para difundir as ações político/culturais dos artistas independentes da comunidade. Findou no mesmo ano de sua criação em 2000.

**Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

exclusão. Assim, Casa Forte - *cidade do colono* -, não reserva espaço para os negros, esquecidos nos morros - *a cidade do colonizado* -, amontoados em becos e vielas, largados a própria sorte.

Contudo, vale ressaltar que não houve apenas o inchaço urbano devido a ocupação das periferias recifenses, houve sobretudo a importação das manifestações culturais de negros e negras descendentes dos povos escravizados para os morros da cidade. Certamente essas identidades não foram esquecidas, não por menos, são retratadas no célebre refrão na música "Tem de Tudo" da banda Devotos do Ódio:

"Tem Afoxé. Tem punk'rock...

Tem rock'n'roll. Tem samba...

E tem pagode." (Devotos do Ódio)

Ao andar pelas ruas do Alto José do Pinho é notório perceber que, a comunidade está intimamente ligada a ancestralidade africana. Não obstante, essa ascendência não se cansa de resistir aos impactos da cultura eurocêntrica que perdura desde colonização das Américas. Como símbolos dessa hereditariedade identificamos, por exemplo, o Afoxé Ylê de Egbá⁵, o Maracatu Estrela Brilhante⁶ ou as rodas de samba que acontecem aos domingos na praça. Assim, esses grupos fortalecem a "unidade subjacente do povo negro, que a colonização e a escravidão dispersaram com a diáspora africana" (Hall, 1996: 69). Portanto, esse povo configura a imagem de uma história aguerrida que, em sua essência compartilha continuidades com África e ao mesmo tempo rompe com a dominação do opressor.

Memórias

⁵ Fundado em agosto de 1986 no Alto José do Pinho, o Afoxé Ylê de Egbá é parte do centro de Candomblé Ilê-Axé Ayra Dôcy.

⁶ Foi criado em 1910, por Sr. Cosme Damião Tavares, mas conhecido por Seu Cosmo, o maracatu nação Estrela Brilhante do Recife é reconhecido como uma das agremiações carnavalesca mais tradicionais do Recife. Sua sede é situada no Alto José do Pinho.

**Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

Acessando fragmentos de minhas memórias passarei a narrar fatos e acontecimentos que traduzem a história de um grupo, no caso o MCAJP. O que remete ao fato de que não estamos isolados no mundo. As lembranças se apóiam no compartilhamento de nossas vidas com os outros. Ressalta Halbwachs (1960: 54), “a memória individual, não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros”. Portanto, quando resgato o relato de Ailton, militante e morador do Alto José do Pinho, estou re-afirmando nosso estreitamento com o local o qual considero propulsor de nossas histórias.

Ao escrever sobre o Movimento Cultural do Alto José do Pinho, não haveria como deixar de falar sobre mim mesmo, pois “todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e um tempo particulares, desde uma história e uma cultura que nos são específicas” (Hall, 1996: 68). Dissertar acerca do MCAJP, como diz Hall (1996) é *falar em meu nome*. É considerar a história com base na *experiência* (Larrosa, 2015). A experiência a qual compartilho, me deslocou em função de uma mutação, me concebeu novos sentidos e olhares acerca do mundo a minha volta. Benjamin (1985) já havia nos alertado sobre a pobreza da modernidade pela falta de experiência. Segundo Larrosa (2015), nesta sociedade da informação há menos espaço para a experiência. Contudo, o autor reforça que,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2015:25)

Diante do MCAJP, me apresentei como esse *território de passagem* (Larrosa), sensível as ações que puderam alçar novas oportunidades de aprendizagem, uma pedagogia que não está atrelada a

**Actas I Simposio Estudios Decoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

nenhum espaço formal de educação. Entretanto buscando o pensamento de Brandão (1981), não estou falando em educação, mas de *educações*. Me dispus aos acontecimentos proporcionados por aqueles jovens *punks* que me colocaram em travessia entre um antigo *eu* para um novo sujeito.

Assim, conto um pouco de minha história.

Por mais de vinte anos fui morador da Bomba do Hemetério, comunidade adjacente ao Alto José do Pinho. Na minha adolescência não havia muito o que fazer para um jovem negro suburbano. Estudava numa escola pública situada no centro de Casa Amarela - bairro que acabou englobando boa parte das comunidades periféricas da zona norte do Recife -, ajudava meu pai com pequenos serviços que ele fazia como eletricitista para poder ganhar uns trocados. No contra-turno da escola permanecia em casa ou passava horas na rua. Porém, nos anos 1990 a rua não era um lugar muito seguro para passar o tempo, a violência dos grupos de extermínio tomava conta das periferias - os grupos de extermínio eram formados por policiais milicianos financiados por comerciantes locais - a fim de conter pequenos crimes dentro das comunidades. Outro fator eram as brigas de gangues, onde jovens se encontravam em bailes *funks* desafiando uns aos outros em disputas violentas por drogas, mulheres e territórios. Essas violências fomentavam um cenário de medo no Recife. Devido a isso havia o receio de circular por comunidades que não a de origem. Quanto a isso sempre seguia os alertas de minha mãe de não ir para as comunidades vizinhas.

Sobre essa violência Sartre (1968) afirma que,

Essa fúria contida, que não se extravasa, anda à roda e destroça os próprios oprimidos. Para se livrarem dela, entrematam-se: as tribos batem-se umas contra as outras por não poderem atacar de frente o verdadeiro inimigo - e podemos contar com a política colonial para alimentar essas rivalidades; o irmão, empunhando a faca contra o irmão, acredita destruir, de uma vez por todas, a imagem detestada de seu aviltamento comum. Mas essas vítimas expiatórias não lhes aplacam a sede de sangue. Abstendo-se de marchar contras as metralhadoras, eles se tornarão nosso cúmplices: vão por sua própria autoridade acelerar os progressos dessa desumanização que lhes repugna (Sartre, 1968, apud Fanon, 1968: 12).

**Actas I Simposio Estudios Decoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

Acrescento ainda que, as circunstâncias as quais operavam a realidade naquele cotidiano, foram sustentadas/reforçadas pelo contexto sócio-econômico do país. Nesse entroncamento se projeta o modelo econômico neo-liberal que acabara de aportar no Brasil. Com o processo de redemocratização, pós-ditadura, o país mergulhou numa entrega total ao capital estrangeiro promovendo uma precarização nas condições de vida da população. Nisso,

O projeto neoliberal, provocou significativas mudanças na economia do país, apresentando-se como um projeto de desenvolvimento e modernização. Tal projeto subordinou o Brasil ao modelo de modernização conservadora" estabelecido pelas pressões do capital internacional, acelerou a abertura da economia do país, diminuiu a capacidade reguladora do Estado, fez inúmeras concessões ao FMI, Clube de Paris e credores internacionais, passando a instalar-se definitivamente no país... (Rios 2014, :22)

Certamente o agravamento do quadro de violências está ligado a falta de acesso das camadas empobrecidas da população aos bens culturais, educação, lazer, saúde, emprego e moradia. Condições essas se apresentaram como reflexo de uma conjuntura político e econômica voltada para as elites. Ainda é recente em minhas lembranças o aumento constante da inflação fazendo com que os preços dos alimentos se tornassem quase inacessíveis. As dificuldades para se manter uma família eram enormes. No tocante a violência, Waiselfisz (1998) aponta através do Mapa da Violência no Brasil, o Recife entre os anos de 1986 a 1996, como o terceiro lugar do ranking nacional em números de homicídios de jovens entre 15 e 24 anos. Eram comuns na época notícias de chacinas de jovens, na sua grande maioria negros e negras que não dispunham de condições objetivas para se livrar da violência. Quando perguntei a Ailton se no passado recente o Alto era uma comunidade violenta, ele respondeu: Foi a fase que eu comecei a perder os amigos...tinha tiroteio, tinha uma quadrilha lá na rua Oito, tinha uma quadrilha de guris que arrombavam lojas para poder roubar roupas de marcas. E eu lembro que cada final de semana morria um. Foi a fase que eu comecei a me interessar pela bateria.

**Actas I Simposio Estudios Decoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

A fuga para música permitiu ao jovem Ailton se livrar da violência. Seu pai, mestre do maracatu rural Estrela da Tarde, o qual havia resgatado após deixar a cidade de Nazaré da Mata, inevitavelmente influenciou a inserção do filho aos sons percussivos do Maracatu. Entretanto, seu mundo estava dividido entre a tradição do maracatu rural e a subversão do movimento *punk*, cultura importada por jovens da classe média do Recife através da compra de discos de vinil e revistas direcionadas ao assunto. Ailton possuía amigos que lhe apresentaram essa cultura, despertando o gosto dele pela bateria.

Paralelamente a isso, os movimentos sociais sofriam com o aliciamento e as imposições das forças opositoras neo-liberais ocasionando uma reconfiguração do seu campo de atuação. Gohn (2010) diz que,

As identidades coletivas dos movimentos populares deixaram alguns elementos de lado, tais como as frequentes contestações às políticas públicas, mas como eles incorporaram outros elementos, isso possibilitou-lhes sair do nível apenas reivindicatório, para um nível mais operacional, propositivo. Embora os eixos nucleadores das demandas fossem os mesmos, eles incorporaram novas práticas, alguns dos seus líderes ou assessores passaram a incorporar diferentes escalões da administração pública (Gohn, 2010: 24)

O terreno estava fértil para o surgimento de novas formas de contestação. Era necessário uma participação mais efetiva para resistir aos ataques das elites, fomentando novas ações para a mudança social, começando a partir do próprio lugar onde o sujeito se encontrava.

Nós faremos que você nunca esqueça

O primeiro *Suburbano Fanzine*, impresso local produzido em 1996, escrito pelos músicos Ailton Peste e Marcelo Massacre, para divulgação das bandas do Alto José do Pinho estampava em sua capa a frase: *Um local onde existe o maior número de bandas em Recife*

A notícia principal chamava atenção para o seguinte:

**Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

Situado na zona norte da cidade, o Alto José do Pinho vem tendo seu espaço nas páginas dos jornais locais e na MTV. Como um dos lugares que abriga a maior quantidade de bandas underground do Recife. (Ailton Peste, *Suburbano Fanzine*, 1996:98)

Segundo impressos que li, os primeiros sinais de bandas a surgirem no Alto José do Pinho, datam do ano de 1986. Três nomes vem à tona: Egoesmo, Inexistentes e Redoma. Após a extinção da Egoesmo, fundou-se o estúdio "Ego". O espaço funcionou como uma espécie de gravadora independente nos fundos de uma casa no bairro da Mangabeira, vizinho ao Alto. Lá, nomes como Devotos do Ódio, O Verbo, Nanica Papaya, III Mundo, Flores Negras, Faces do Subúrbio, Matalanamão, Sentimentos Ocultos, entre outras fizeram história com suas músicas subversivas.

As bandas surgiram a partir da necessidade de angariar espaços de fala antes negados. Os jovens músicos reivindicavam soluções para os problemas sociais que lhes alijam, impediam-lhes de ter uma vida mais digna. A única arma encontrada para eles se oporem as exclusões socioculturais e econômicas impostas pela globalização foi através do punk'rock. Organizados em função da denúncia e transformação, o protagonismo dos jovens artistas estigmatizados como *marginais* moldou a relação de como a comunidade interagia com o restante da cidade. Esta cidade a qual estava “compartimentada, alimentou a criação de homens novos que, destruíram os obstáculos encontrados no caminho através da luta por meio do encontro de duas forças congenitamente antagônicas” (Fanon, 1968:45). Foi assim, favoravelmente a essa transformação que me aproximei do Movimento. A disputa por esses espaços negados caracterizava uma subversão ao que estava posto. Os jovens músicos em questão acreditaram numa eventual mudança e assim a fizeram.

Os recursos adotados pelas bandas os tornaram porta-vozes para denunciarem as desigualdades e opressão que ali viviam. O ritmo com o qual a auto-afirmação permitia não mais serem os oprimidos, os condicionaram a serem sujeitos coletivos potentes de transformação. Isso favoreceu o progressivo aumento na visibilidade do bairro nas páginas culturais dos jornais. Convocando novos atores para lutarem contra o inimigo opressor. Assim, outros jovens se enxergaram semelhantes e se fizeram presentes no confronto. Estou aqui atento ao caráter subjetivo que possibilitou outros jovens, assim como eu, atuarem como coadjuvantes na mobilização do MCAJP.

**Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

Podemos dizer que a constituição de novas identidades foi possível através da matriz anárquica do punk do Alto José do Pinho. A partir de Hall (1997) podemos definir como essas identidades são constituídas,

O que denominamos nossas identidades poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (Hall, 1997: 8)

Resgato então, como me inseri nesse contexto. Meu primeiro contato com o Movimento Cultural do Alto José do Pinho foi em 1998, onde se deu através da TV. Entretanto, a trajetória das bandas do Alto já vinha de longas datas. Nesta época costumava assistir o programa “Ver de Novo o Verão” da TV Jornal do Commercio. No programa sempre destacavam artistas independentes locais que, variavam desde grupos de samba à bandas punks com músicas de protesto. Numa das exposições do programa foi apresentada a banda Devotos do Ódio, nos programas seguintes apareceram a Matalanamão e Faces do Subúrbio. No mesmo ano, tive a oportunidade de conhecer Ailton Peste e Adilson Ronrona, ambos integrantes da banda Matalanamão, e Neilton Carvalho, guitarrista da banda Devotos do Ódio. Para mim, aquilo se tornou a redenção para uma nova vida. Logo em seguida passei a frequentar ensaios e apresentações das bandas por toda a cidade. Comecei a visitar mais o Alto José do Pinho e participar das atividades desenvolvidas pelas bandas. Rodas de conversa, intervenções artísticas nas ruas da comunidade, oficinas e da rádio comunitária. Aos poucos fui me integrando ao Movimento, aprendi a tocar guitarra e montei uma banda. No ano de 2000 fui convidado por Ailton para substituir o antigo guitarrista da Matalanamão. Desde então, o MCAJP passou a ser parte de minha vida. Não hesitei em continuar. Sem sombra de dúvidas o MCAJP sedimentou em mim um leque de respostas aos anseios nos quais um jovem negro da periferia lhe acomete.

**Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

A partir da fala acima, identifico o quanto nossas histórias com o MCAJP são semelhantes. Foi através da música que as bandas engendraram no imaginário de outros jovens a destreza para delinear novos campos de ação no combate a exclusão.

Aos poucos, as bandas através de ações coletivas dentro da comunidade, como eventos em praça pública ou ações solidárias, promoveram ganhos significativos para a comunidade. Novos espaços de representação foram criados e o Alto passou a ser referência para outras comunidades, citando a comunidade de Peixinhos em Olinda com o Movimento Boca do Lixo ou a comunidade do Alto do Pascoal com o Movimento Eco-Cultural. Essas comunidades, assim como o Alto José do Pinho, passaram a ser pequenos quilombos urbanos se configurando como *agentes de pressão político-social* (Gohn, 2010).

Conclusões

As memórias aqui elencadas narraram algumas histórias pelas quais o Movimento Cultural do Alto José do Pinho vislumbrou nos sujeitos da comunidade um horizonte de subjetivação caracterizado pelas expressões artísticas contra-hegemônicas do lugar. O protagonismo político-cultural dos jovens músicos, impulsionados pelas tensões decorrentes do regime neoliberal, recém chegado no país na década de 1980, possibilitou a abrir um canal de contestação social por meio das narrativas cantadas desses sujeitos.

Antes silenciados pela estrutura dominante, as bandas do Alto compartilharam com o restante da cidade gestos e sons de rebeldia se fazendo escutar em função de um bem comum para a comunidade. Assim, novos atores sociais foram ocupando espaço/tempo sustentando a mudança social que tanto almejavam.

As ações político-culturais do MCAJP, não causaram apenas um impacto considerável na reversão das violências do lugar, mas criaram novas relações entre os indivíduos a partir da *emergência de subjetividades coletivas* (Domingues, 1999) potentes. Estas, caracterizando o que Fanon (1968)

**Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

chamou de *mudar a ordem do mundo*, evidenciaram uma necessidade denunciar um Recife *compartimentado* entre "morro" e "asfalto".

Ao discorrer sobre nossas memórias, descubro que entre mim e Ailton existe o que Rancière denomina de "partilha do sensível", termo que o autor define "como um sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um "comum" e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas" (Rancière, 2009: 15). Portanto considero que as similitudes que nos aproximam, foram fundamentais para tessitura que nos conferiu nossas identidades. Logo, concluo que nossa *experiência* com as bandas do Alto José do Pinho permitiu que, fôssemos reconhecidos como sujeitos potentes capazes de destruir os obstáculos que nos impedia de avançar. Nesse sentido, *a imobilidade a qual estávamos condenados* (Fanon, 1968), transmutou-se em uma auto-afirmação que nos impulsionou em oposição ao que nos condicionava em uma estrutura social excludente e hierarquizada.

Referências

- Benjamin, W. (1985) *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, C.R. (1981) *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense.
- Domingues, .M. (1999), *Criatividade Social, Subjetividade Coletiva e a Modernidade Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro, Contra Capa.
- Fanon, F. (1968) *Os condenados da terra*. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Garcia, J.M. (2015) *Las formas del recuerdo. La memoria narrativa*. Athenea Digital, 6 . Disponível em <<http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/download/34157/33996>>
- Gohn, M. da G. (2010) *Movimentos sociais no início do Século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Halbwachs, M. A (1990) *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice e Revistados Tribunais.
- Hall, S. (1996) *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75.



**Actas I Simposio Estudios Descoloniales y Problemáticas Emergentes en
Investigación Educativa - 2016 - ISBN 978-987-544-745-5**

----- (1997) *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, v. 22, n° 2, jul./dez., p. 17-46.

Larrosa, J. (2015) *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Montarroyos, H. (2010) *Devotos, 20 anos / Hugo Montarroyos*. – Rio de Janeiro: Aeroplano, il. – (Tramas urbanas)

Rancière, J. (2009) *A partilha do sensível: estética e política / Jacques Rancière*; trad. Mônica Costa Netto. - São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34. 2ª Ed.; 72 p.

Rios, M. (2001) *As políticas públicas do banco mundial para a educação brasileira*. Educação em Foco (Amparo), v. 1, p. 21-28-28.

Sartre, J.P. (1968). In: FANON, F. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Waiselfisz J.J. (1998) *Mapa da violência: Os Jovens do Brasil. Juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond.